

Dossiê sobre a Professora Ruth Trindade de Almeida, professora titular da UFPB- Campus de Campina Grande, agora UFCG.

Tenho a grata satisfação de apresentar este Dossiê sobre a contribuição da Professora **Ruth Trindade de Almeida** à Antropologia Brasileira, durante os seus mais de 30 anos de trabalho em favor do ensino, institucionalização e divulgação da Antropologia. Sua trajetória exemplar de desbravadora de conhecimento em campos disciplinares próprios, a tornam uma estudiosa das geografias, culturas e histórias das populações, contribuindo para a produção do conhecimento nas áreas da Antropologia e da Arqueologia.

Ruth Trindade de Almeida¹ foi professora titular de Antropologia do campus II da UFPB de 1964 a 1990, quando se aposentou, e foi a única professora da cadeira até o ano de 1973 naquela instituição. Durante esse período, ministrou todas as disciplinas da área de Antropologia e formou inúmeros profissionais no ramo das ciências humanas e sociais. O seu trabalho contribuiu para inserir a UFPB entre as instituições reconhecidas no campo da Antropologia, abrindo caminhos para a formação de pesquisadores nesse nicho acadêmico, atentando para a necessidade de preservação da cultura material e construção de museus. O estudo das Inscrições Rupestres (Almeida, 1979, 1980) e sobre os Almanques (Almeida, 2019) são apenas algumas das suas contribuições ao estudo da cultura e sociedade nordestinas.

Com esta rápida apresentação, espero fazer justiça à grande professora e pesquisadora, cujas realizações dificilmente se enquadram nos atuais limites dos registros no currículo da plataforma Lattes. Ruth fez o curso de mestrado muitos anos após ter realizado sua trajetória profissional e obter reconhecimento na área, quando alguns dos seus estudantes de graduação haviam chegado ao doutorado. Foi assim, para atender às novas exigências de titulação acadêmica, que ela, já professora titular, cursou o mestrado e, sob a orientação do Professor Russell Parry Scott, defendeu a primeira dissertação de mestrado concluída no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE.

¹ Ruth nasceu no dia 15 de julho de 1930 na cidade do Rio de Janeiro. Formou-se em História e Geografia em 1954 na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 15 de dezembro de 1955, casou-se com Atila Augusto Freitas de Almeida, paraibano e matemático do ITA e se mudou para São José dos Campos-SP. O casal teve 4 filhas: Olivia, Oriana, Fernanda e Veronica e um filho, Horácio. Em 1959 ela se mudou com o marido e dois filhos (Olivia e Horácio) para Campina Grande pois seu marido iria lecionar matemática na Escola Politécnica da UFPB. Atualmente mora em Recife no bairro da Várzea, Cidade Universitária com sua filha Olivia.

Ruth é, portanto, mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Possui especialização em Arqueologia pela Universidade de Toulouse. Fez também especialização em Arqueologia na Universidade do Tennessee, em Knoxville, em 1981. Tem bacharelado em Geografia e História pela Universidade do Brasil (atual UFRJ). Após o curso em Toulouse, realizou o primeiro trabalho sobre arte rupestre na Paraíba, iniciando com os Cariris Velhos em 1972 e, depois, fez um levantamento dos sítios arqueológicos do Brejo Paraibano. Identificou o sítio descrito em *Diálogos das Grandezas do Brasil*. Foi diretora do Teatro Municipal de Campina Grande e organizou o que deveria ser um museu de cultura popular. Respalhada em dados técnicos, coordenou a criação do Museu da Rapadura, em Areia, cidade tombada pelo IPHAN, como patrimônio cultural brasileiro em 2005. Organizou uma coleção de Almanques Populares que utilizou na sua dissertação de mestrado² Coordenou o curso de especialização “Antropologia: Organização Social e Parentesco” em parceria com a UNB, em 1969. Tem experiência na área de Antropologia Cultural e Arqueologia, com ênfase em Arqueologia Pré-Histórica.

Carioca, formada em História e Geografia pela então Universidade do Brasil, foi, segundo exigências pessoais e institucionais, pouco a pouco, ampliando a sua formação na área de Antropologia e se familiarizando com o debate teórico e os campos de investigação abertos pelos fascinantes apelos da nascente ciência e sua incorporação no desenvolvimento acadêmico brasileiro. Ruth, com a sua maneira própria de enfrentar as provocações da ciência, encontrou possibilidades de formação no curso organizado, no período prévio à institucionalização da Pós-Graduação no Brasil pela CAPES. Segundo sabemos, esse curso, sob a orientação do antropólogo Darcy Ribeiro, contribuiu para uma formação especial em Antropologia, proposta em programação realizada no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. Através da participação nessas atividades, Ruth passou a se comunicar com o nascente núcleo de professores que deu forma ao PPGAS-UFRJ, cujas atividades foram iniciadas com a criação do mestrado em Antropologia Social, em 1968. Professores como Roberto DaMatta, Roberto Cardoso de Oliveira, Gilberto Velho, Otávio Velho, Yvone Maggie, Neide Esterici, Ligia Sygaud, Yonne Leite (Linguísta), Roque de Barros Laraia, por exemplo, constavam da sua lista de estudiosos mencionados. Esses vínculos lhe proporcionaram um suporte para

² Ela fez a doação dessa coleção, única no Brasil, para a Biblioteca de Obras Raras da UEPB, localizada no campus de Campina Grande.

intercâmbios constantes, revelando-se essenciais para o desenvolvimento de suas atividades na UFPB, após ter atuado na qualidade de professora do Colégio Estadual de Campina Grande.

Em 1964 foi convidada para lecionar Antropologia no curso que seria criado pela UFPB na Faculdade de Ciências Econômicas (FACE) de Campina Grande. Admitida naquela instituição, foi professora titular e responsável pelas disciplinas da área de Antropologia do curso de Sociologia Política, posteriormente reconhecido pelo MEC como curso de Ciências Sociais. Lecionou todas as disciplinas básicas da área de Antropologia: Introdução à Antropologia, Teoria antropológica, Antropologia Física, Antropologia Social, entre outras.

Para dar conta dos desafios de oferecer uma base qualificada do conhecimento antropológico aos estudantes, a Professora Ruth incorporou aportes atualizados ao seu trabalho, através de intercâmbios com professores de instituições nacionais e internacionais, que lhe permitiram atualizar referências teóricas, práticas de ensino e pesquisa compartilhadas. Foi assim, por exemplo, que ela convidou nos anos de 1968 e 1969 o Professor Roque de Barros Laraia, então Diretor do Instituto de Ciências Humanas da UnB, para ministrar um curso de especialização em “Organização Social e Parentesco” na FACE, em Campina Grande, contando, na sua metodologia, com leituras clássicas e visitas a aldeias indígenas dos Potiguara da Baía da Traição.

A presença do Professor Laraia³ foi um momento especial de abertura do vasto campo da Antropologia para os alunos de graduação, que foram acolhidos pelo Professor convidado para participar desse curso e de todas as suas descobertas e possibilidades. Tivemos a oportunidade de conhecer o autor de um livro que havíamos estudado, o que nos encantou. Na qualidade de aluna de graduação de então, tivemos, eu e outra colega, a oportunidade de participar dessas atividades. Lembro-me de que a professora Ruth falou para o Professor Roque Laraia: “A Salete gosta muito dos estudos de parentesco e é capaz de enfrentar os desafiantes mecanismos da construção daqueles gráficos das estruturas formais dos sistemas.” E o Roque disse, rindo: “isso é “um achado” ...” Posteriormente, fomos convidadas por ele, eu e minha colega, a realizar um estágio em Antropologia na Universidade de Brasília, no verão de 1970, sob a orientação conjunta de Laraia e do Professor Júlio Cezar Melatti. Naquele tempo, desenvolvemos um programa

³ LARAIA, Roque de Barros; DA MATTA, Roberto. *Índios e castanheiros*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967, 147 pp.

de leitura das etnografias clássicas que eram discutidas com o Professor Mellati. Aprofundamos, assim, o conhecimento das origens e fundamentos da Antropologia no Reino Unido e outros centros de pesquisas mundiais. Foi assim, por exemplo, que as lições da Professora Ruth repercutiram na formação de pesquisadores nessa área.

Na UFPB ela se envolveu nas atividades de ensino em muitas horas semanais, com indicações bibliográficas preciosas que encantavam a todos, pelo debate sobre a história da Antropologia no mundo e das peculiaridades desse desenvolvimento nas instituições nacionais. Os estudos sobre o desenvolvimento científico, as várias escolas teóricas e os desafios metodológicos eram apresentados de modo a ressaltar a grandeza da produção do conhecimento etnográfico, teórico e das metodologias que distinguiam e davam proeminência ao campo da Antropologia. Nas suas aulas, os estudos aprofundados das correntes do pensamento antropológico enfatizavam a importância e os problemas centrais do relativismo cultural, presentes, principalmente, nos debates dos livros sobre o evolucionismo, de Charles Darwin, Robert Lowie, Lewis Morgan, Frazer e outros, nos quais questões como raça, religião e ciência eram temáticas constantes. Igualmente, eram debatidas a sobrevivência, emergência e persistência de segmentos étnicos, raciais e outros grupos. Iniciando pelo evolucionismo, passando a outras correntes e contemplando também os debates contemporâneos, como o estruturalismo, Ruth Almeida nos proporcionava um rico quadro dos avanços dessa área de conhecimento. Seu objetivo era demonstrar a vastidão do campo, os debates, enfrentamentos metodológicos e epistemológicos inerentes. Foi por isso, talvez, que ela encontrou outros mecanismos para aprimorar os seus ensinamentos, através de intercâmbio com outros professores, como, por exemplo, com o Dr. Renato Ferraz, então diretor do Museu do Unhão, de Salvador, onde arranjou um estágio de etnografia por um mês, do qual eu tive a oportunidade de acompanhar os processos de seleção e fichamento de peças cerâmicas realizadas pelo Museu e de estudar o Manual de Etnografia do MAUSS⁴ bem como de assistir a uma palestra com o antropólogo Thales de Azevedo. Outros alunos e alunas a acompanharam em vários momentos dos trabalhos de campo que realizou.

Por sua grande preocupação com a cultura e com a preservação dos materiais e conhecimentos das populações locais, os museus passaram a ser uma das

⁴ MAUSS, Marcel. Manuel d'ethnographie (Cours donnés à l'Institut d'Ethnologie de l'Université de Paris, réunis par M. Leiris & D. Paulme). Paris: Payot, 1947; reedição, 1967.)

suas áreas de atuação. Seus interesses nesses campos faziam-na conversar com cientistas das outras áreas, como médicos, físicos, biólogos, juristas, geógrafos e historiadores. Os limites da linguagem e da falta de traduções de livros do inglês ou francês para o português não a intimidavam; ela estimulava os estudantes à leitura nos seus originais. De certo modo, Ruth revolucionou, com suas ideias, a faculdade formada, majoritariamente, de juristas pouco afeitos aos laboratórios e campos de pesquisa.

Ruth Almeida contribuiu efetivamente para a formação de várias gerações de estudantes no campo das ciências Humanas e Sociais na Paraíba. Foi a professora que abriu as portas da sua casa aos estudantes, professores e também para receber antropólogos e pesquisadores do Projeto Nordeste (Ligia Sigaud, Afrânio Garcia Jr., José Sérgio Leite Lopes, Marie-France Garcia, Moacir Palmeira, entre outros). O cordial intercâmbio que desenvolveu com professores das universidades vizinhas, como Heraldo Pessoa Souto Maior, da UFPE, foi de grande aporte para que os alunos da UFPB do campus de Campina Grande pudessem participar do intercâmbio proporcionado pelo Projeto da Ford Foundation; Havard/Museu Nacional/UFPE, sendo de relevância citar, a oportunidade de assistir às aulas do Professor David Maybury-Lewis sobre o Estruturalismo, algo inédito, nesse tempo.

Quero registrar aqui que o meu reconhecimento está fundamentado nas grandes conquistas que tivemos. Todas essas experiências compartilhadas foram essenciais para a fundação dos cursos de pós-graduação criados pelo nosso Departamento de Ciências Sociais e Humanidades. Por exemplo: o curso de especialização em Sociologia Rural para áreas irrigadas, para o qual convidamos os professores Afrânio Garcia Jr. e Moacir Palmeira, do PPGAS do Museu Nacional e que deu origem ao Curso de Mestrado em Sociologia, que teve, em seu corpo docente, um bom número de antropólogos formados pelo PPGAS-UFRJ, UnB, principalmente.

Com essa inspiração, criamos o grupo PET, CAPES/PET de Antropologia, cujo projeto foi apresentado por mim, Josefa Salette Barbosa Cavalcanti e pelo Professor Márcio Caniello, e aprovado pela CAPES. Pelos bons resultados alcançados, o PET de Antropologia da UFCG permanece como uma semente para o contínuo aprimoramento da Antropologia.

A história profissional de Ruth e seus projetos geraram conhecimentos extraordinários. Os resultados devem ser atribuídos ao grupo de

antropólogos que se formou a partir da atuação da Professora Ruth Trindade de Almeida, permanecendo com muita força acadêmica⁵.

Ao rever a trajetória dessa professora e orientadora de sempre, ressalto, como já escrevi em outro lugar, que os registros são referências acadêmicas mínimas sobre a trajetória excepcional de uma Professora que trouxe para o ambiente universitário paraibano a essência da vida universitária e, também, do valor da seriedade, do trabalho e da ética, tão necessárias para a formação de cientistas. Ruth Trindade de Almeida é, pois, referência ímpar de uma construtora de instituições. Por estar entre alguns e algumas estudantes que tiveram o privilégio de aprender e nos beneficiar das suas lições, ressalto aqui os meus agradecimentos por todo o seu trabalho e presto minhas homenagens e vivas à Professora Ruth Trindade de Almeida.

Agradeço à ABA pela desafiante e honrosa tarefa que me foi confiada, na expectativa de que eu tenha desempenhado satisfatoriamente a missão de homenagear a Professora Ruth Trindade de Almeida, evidenciando seu relevante trabalho humanístico e intelectual.

Recife, 18 de março de 2024



Josefa Salete Barbosa Cavalcanti

Professora Titular da UFPE

⁵ Acrescento aqui, às referências, publicações de revistas, uma entrevista feita por Oriana Almeida, sua filha, Professora do NAEA -UFPA, e um vídeo, RUTH por Júlia Morim, que foi minha orientanda de mestrado na UFPE e é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE. E algumas fotos.

Referências

ALMEIDA, Ruth Trindade de. Almanques populares do Nordeste. Belém, Editora NAEA UFPA, 2019 versão digital 230 p. <https://www.naea.ufpa.br/index.php/livros-publicacoes/332-os-almanques-populares-do-nordeste>

ALMEIDA, Ruth Trindade de. Um sítio arqueológico histórico (A historical archaeological site) Revista de Pesquisa Histórica, CLIO V. 3 N. 1 (1980): JAN-DEZ.61-63.

ALMEIDA, Ruth Trindade de. Arte Rupestre nos Cariris Velhos”, João Pessoa, Universitária/UFPB, 1979. 126 p.

Sobre a antropóloga

RUTH. Direção de Júlia Morim. Recife: Várzea do Capibaribe Filmes; Bebinho Salgado 45, 2021. (18 min.).

<https://youtu.be/Cf3bLAm9eew?si=jRLlv0yZxU9AdvQe>

Carta Capital 2018: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/a-senhora-entende-que-certos-trabalhos-so-os-homens-fazem-nao/>

Oriana Almeida (NAEA/UFPA) entrevista a arqueóloga Ruth Almeida (UFPB)

https://youtu.be/OcSNyKm_1zw

Algumas fotos:



Ruth Trindade de Almeida- a jovem professora, aos 37 anos. Acervo de Olivia Almeida.



Ruth Trindade de Almeida e estudantes, organizando material de pesquisa.



Ruth Trindade de Almeida e Salete Cavalcanti- Acervo de Oriana Almeida.



Ruth Trindade de Almeida e Salete Cavalcanti- Acervo de Oriana Almeida.
2023



Ruth Trindade de Almeida- - Visitando o Museu do Estado de PE. Recife.
Foto de Salete Cavalcanti em 7 de março de 2024.